



RDL

REDE BRASILEIRA
DIREITO E LITERATURA

CRÔNICAS DE GELO E FOGO: ANÁLISE DE UMA DISTOPIA CLIMÁTICA À LUZ DO DIREITO AMBIENTAL¹

ELISA PÉREZ DE LOS COBOS HERNÁNDEZ²

TRADUÇÃO DE ADWALDO PEIXOTO

RESUMO: A obra de George Martin, *As crônicas de gelo e fogo*, serve-se da fantasia para camuflar uma referência à realidade mais objetiva. Para isso, conecta o componente da ficção, Os Outros, com um elemento tangível fora do texto como são as mudanças climáticas. Partindo dessa premissa, pode defender-se a existência, em suas páginas, de uma alusão às consequências do aquecimento global. Para comprová-lo, a estrutura deste trabalho gira em torno de três eixos principais nos quais se articulam as semelhanças defendidas: a existência de uma ameaça comum, o contexto narrativo da obra e os papéis desempenhados por algumas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: mudanças climáticas; metáfora; aquecimento global; *Guerra dos tronos*.

1 INTRODUÇÃO: LADRÕES E POLICIAIS

Enquanto em Westeros os Sete Reinos estão em guerra, no Norte, mais além da Muralha, os horrores do inverno se fazem tangíveis. Como

¹ No presente artigo, empregam-se de forma indistinta os títulos da saga literária, *As crônicas de gelo e fogo*, e o de seu primeiro romance, *Guerra dos tronos*, pelo qual se conhece a famosa série de televisão. Ainda assim, recorre-se aos termos caminhantes brancos e Os Outros como sinônimos, sem explicar, salvo em determinadas ocasiões, as diferenças que se apreciam entre os romances e a sua adaptação televisiva. Dado que a obra de George R. R. Martin se encontra atualmente inacabada, sendo além disso de difícil adaptação por sua extensão, a produção televisiva selecionou acontecimentos dos romances para configurar uma trama quase própria. Esse é o motivo pelo qual alguns relatos, segundo os livros ou segundo a série, respondam a versões diferentes. Para evitar confusões a esse respeito, busca-se dar um papel predominante aos romances, ao menos até a sexta e sétima temporada da série televisiva, nas quais, diante da ausência de livros para se basear, faz-se necessário remeter aos capítulos da série correspondentes.

² Doutora em Direito, com comenda Internacional, pela Universidad de Murcia (Espanha) Especialista em Meio Ambiente. Mestre em Pesquisa Avançada e Especializada em Direito (UMU). Mestre em Urbanismo e Direito imobiliário (ENAE). Professora Adjunta do Departamento de Direito Administrativo da Faculdade de Direito da Universidad de Murcia (Espanha). Murcia, Espanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0203-0521>. E-mail: eperezdeloscobos@um.es

advertia Melisandre, a sacerdotisa vermelha de R'hllor, “depois do grande verão, a escuridão cairá pesada sobre o mundo. As estrelas sangrarão. O início frio do inverno congelará os mares e os mortos se levantarão ao norte”³. O lema dos Stark parece cobrar sentido, o inverno se aproxima e com ele uma ameaça para toda a humanidade, mas, esconde essa trama distópica uma mensagem oculta? É possível que o autor de *As crônicas de gelo e fogo* descreva em seu romance um perigo transferível ao nosso mundo? As interrogações que surgem ao leitor, ao fim de um livro, é objeto da reflexão de Ginés Sánchez em sua coluna “De policiais e ladrões”⁴. O autor observa a relação que se estabelece entre o escritor e a crítica e aponta que, enquanto crítico, o leitor formula-se as perguntas próprias de um policial: o que significa este texto? O que é que se passa aqui? O que é que se quer dizer nestas páginas? O autor se faz perguntas bem diferente: como deve ser a voz [narrativa]? Quais coisas devo contar e quais coisas devem ficar no substrato do conhecido? O que acontece em seguida? Isso é algo crível? O autor – assinala Sánchez – “se faz essas perguntas e logo comete um crime. Logo segue em frente, ou pretende fazê-lo. Pretende porque num romance, ao final, há uma série de chaves que não quer revelar, aquelas que são mais de sua essência. E então começa o jogo”. Essa coluna sintetiza o objetivo do presente trabalho, a temeridade de interpretar, inclusive de atribuir, possíveis causas e razões à trama planejada pelo autor de *As crônicas de gelo e fogo*. Não se trata de um exercício moderno, sendo muitas as novelas sobre as quais se forçaram analogias e metáforas que ou nunca foram confirmadas, ou foram abertamente negadas por seus autores. É o que ocorreu com *O senhor dos anéis* de Tolkien, obra à qual se atribui uma alegoria da Segunda Guerra Mundial⁵; ou com *Star Wars* de George

³ “O Norte se lembra”, episódio 1, 2ª temporada de *Guerra dos tronos*.

⁴ O autor adota as reflexões de Margaret Atwood sobre a relação que se estabelece entre o escritor e a crítica, (Sánchez, 2017).

⁵ *O Senhor dos anéis*, (Tolkien, 1954) foi objeto de múltiplas especulações a respeito de suas origens e influências. Em concreto, sobre uma possível metáfora da Segunda Guerra Mundial na obra de Tolkien, destaca-se o trabalho de Christine Brooke-Rose, no qual a autora embasa suas conclusões nos seguintes elementos: i) a presença de um poder terrível que se estende desde o oeste com intenções de destriuir tudo o que é bom e puro (Sauron – Nazismo); ii) uma quinta coluna que se une a esse mal obscuro e aterrador (Saruman – espiões); iii) alguns aliados que lutam por defender a civilização e o bem; (a sociedade do anel – os aliados); iv) a presença de ataques aéreos, enviados do coração do mal em direção aos inimigos, sem mais afã do que aterrorizar e destruir (os Nazguls – os bombardeios); v) e o segredo, o poder decisivo para obter a vitória; (o anel – a energia nuclear). (Brooke-Rose, 1980, p.690). Assim mesmo, autores como Michael White e

Lucas, na qual se pretende ver uma síntese anticapitalista, uma denúncia do fundamentalismo religioso ou, inclusive, uma metáfora dos excessos políticos e econômicos do império norteamericano⁶. Se bem que, considerando a temática do presente artigo, parece mais acertado fazer referência ao pretendido discurso ambientalista do Universo Star Wars, centrado na defesa da natureza frente à civilização e na luta pelo desenvolvimento sustentável⁷.

De maneira similar, não falta quem sustente que, através da saga literária *As crônicas de gelo e fogo* – cujo primeiro volume, *A guerra dos tronos*, dá título à famosa série de televisão –, George R. R. Martin trata de nos alertar sobre a ameaça das mudanças climáticas⁸. Em 2013, durante a turnê do autor pela Austrália, um participante que se encontrava entre o público presente no almoço literário organizado pela Livraria Dymoc, em Sidney, propôs a possibilidade de se falar de uma alegoria das mudanças climáticas em *A guerra dos Tronos*. Martin rejeitou essa ideia de forma categórica, afirmando que “assim como Tolkien, ele não havia escrito uma metáfora, ao menos não intencionalmente. Obviamente – esclarecia o autor –, o indivíduo vive no mundo e é influenciado pela realidade que o cerca. Há coisas que não se podem chegar a vislumbrar, mas se eu realmente quisesse escrever sobre as mudanças climáticas no século XXI, eu teria escrito uma novela sobre as mudanças climáticas no século XXI” (Switek,

Daniel Grotta, que também fazem eco a esse paralelismo, relembram em seus respectivos trabalhos que Tolkien recusou abertamente a interpretação de sua obra como uma alegoria política (White, 2002; Grotta, 2002).

⁶ O episódio III da saga *Star Wars*, *A vingança dos Sith* (*The Revenge of the Sith*, 2005), levantou uma grande discussão ao se difundir, a partir de determinados foros, que Geoger Lucas retratava, em si, as confabulações políticas do presidente George Bush na guerra do Iraque. Sobre a análise das políticas e ideais presentes em *Star Wars*, cita-se, por todos, o trabalho de García Tojar, que analisa o impacto que teve nos EUA a informação filtrada, antes da estreia do Episódio III, sobre um possível retrato do presidente George Bush no personagem de Darth Sidious⁷ (García Tojar, 2007).

⁷ Nesse sentido, afirma García Tojar que, “na Batalha de Endor, que põe fim ao Império (ep. VI), a vingança do bom selvagem sobre a máquina malvada permite ver no autor certo ecologismo conservacionista que, nos anos setenta talvez, sonhariam ainda com libertar a natureza da prisão tecnológica”. Trinta anos depois, a respeito da trilogia 1999-2005, o autor destaca que “a tecnologia continua sendo um perigo para a humanidade, mas com certos matizes. Surge a “tecnologia boa”. A mensagem ecologista continua presente, mas com um tom mais moderado”. (García Tojar, 2007, p. 9-11).

⁸ *Game of Thrones*, (Título original: *Game of Thrones*), é uma série de televisão estadunidense de fantasia medieval, drama e aventuras criada por Benioff e Weiss, para o canal HBO baseada na saga literária *As Crônicas de gelo e fogo*. No momento de realização deste trabalho, a adaptação conta com sete temporadas, de dez capítulos cada uma (salvo a última, de sete), que vem sendo transmitida desde 2011 até 2017.

2018, p. 351). Em que pese a sua convicção, essas não seriam as últimas declarações que faria sobre o tema. Em 2014, numa entrevista concedida a *Al Jazeera América*, o jornalista David Shuster lhe perguntou sobre a inspiração por trás das três principais linhas argumentativas da obra, - a batalha em Porto Real, os personagens de para além da muralha e a exilada herdeira Targaryen—. Nessa ocasião, após confirmar que “as coisas que acontecem em Porto Real, a capital dos Sete Reinos, estão muito mais baseadas em eventos históricos, ficção histórica, vagamente extraída da Guerra das Rosas e alguns outros conflitos em torno da Guerra dos 100 anos, ainda que, obviamente, com um toque de fantasia”, o autor de *As crônicas de gelo e fogo* se referia à trama “além da Muralha”, descobrindo um de seus componente essenciais: a ambição do poder cego e o oportunismo imediatista de muitos de seus protagonistas. Nesse sentido, G. R. R. Martin reconhece abertamente que um de seus pontos de partida foi:

A sensação de que as pessoas estavam tão consumidas por suas lutas mesquinhas pelo poder dentro dos Sete Reinos, em Porto Real, - quem será o rei? quem estará no Conselho? quem determinará as políticas? -, que estão cegos a ameaças muito maiores e mais perigosas que estão acontecendo muito longe, na periferia de seus reinos (Shuster, 2014).

O paralelo com nossa realidade parece claro, embora seja o próprio autor quem esclarece toda dúvida ao afirmar que,

Estão ocorrendo coisas em nosso mundo como as mudanças climáticas, que, como vocês sabem, representam uma ameaça para o mundo inteiro. Acredito que todo o mundo poderia se unir, mas sinceramente se trata de algo que pode aniquilar a raça humana. Por essa razão, eu queria fazer uma analogia, não especificamente do que está acontecendo atualmente, mas sim de uma perspectiva muito mais geral, com a estrutura do livro (Shuster, 2014).

A obra se serve do fantástico, *Os Outros*, para camuflar uma referência à realidade objetiva. Para isso, conecta o componente fictício com um elemento tangível fora do texto, como são as mudanças climáticas. Desse modo, ainda como aponta Guemes Suárez, a obra *As crônicas de gelo e fogo* beira mais o utópico negativo do que o puramente fantástico, pode-se

defender a existência em suas páginas de uma metáfora às consequências do aquecimento global⁹.

Em todo caso, trata-se de algo verdadeiramente intencional ou resposta, em verdade, ao que Tolkien denominava “aplicabilidade do texto”, os paralelismos estão aí¹⁰. Por isso, a estrutura desse trabalho gira em torno de três eixos principais, nos quais se articulam as semelhanças defendidas: a existência de uma ameaça comum, o contexto narrativo da obra e os papéis desempenhados por algumas personagens.

- Em primeiro lugar, a ameaça que representam Os Outros para os reinos humanos resulta equiparável, em seus efeitos e intensidade, aos estragos derivados das mudanças climáticas na vida real. Na fantasia de *Game of Thrones*, mostram-se os caminantes brancos como um mal global, cujas primeiras manifestações aparecem como leves anomalias que, porém, avançam progressivamente até alcançar pleno protagonismo. Por isso, conquanto ainda reste quem resista a acreditar, uma certeza sombria se estende sem parar sobre o perigo que se esconde. Do mesmo modo, existe uma progressiva tomada de consciência sobre a realidade das mudanças climáticas e o risco que dela decorre para a continuidade do ambiente e do *modus vivendi* que conhecemos. Em ambos os casos, resulta

⁹ Nesse sentido, Güemes Suárez afirma que, “assim como os contos de Lewis Carroll, que Tolkien recusa, há outros tipos de relatos que se servem do “fantástico” para encobrir elementos da realidade objetiva e que, portanto, utilizam “o fantástico” de uma forma diferente daquela dos contos de fadas, que Tolkien defende, o gênero de terror, a ficção científica e, obviamente, a narrativa fantástica. Não obstante, “o fantástico” nesses relatos não constitui ambiguidade interpretativa alguma, mas sim o contrário, posto que o elemento conecta diretamente com uma realidade que se encontra fora do texto. Os gêneros que reúnem essas narrações recebem os nomes de utopia, ucronia, fábula, alegoria, conto maravilhoso e conto de fadas. A natureza dos elementos fantásticos inseridos em seus relatos pode coincidir com a dos elementos inseridos na narrativa fantástica, mas não sua função e intenção, que é outra devido ao fato de sua explicação se encontra num elemento situado fora do texto” (Güemes Suárez, 2016, p. 42).

¹⁰ Referimo-nos aqui ao conceito de “aplicabilidade do texto” como a capacidade de encontrar mensagens concretas no que se lê, fruto da própria experiência do leitor. Esse é o sentido com o que o emprega Tolkien, no prefácio de sua obra *O senhor dos anéis*, para contrapor-lo com o conceito de “alegoria”. Assim, Tolkien afirma: “não me agrada a alegoria em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei maior de idade e cauteloso o suficiente para detectar sua presença. Prefiro de longe a história, real ou fictícia, com sua variada aplicabilidade ao pensamento e experiência dos leitores. Creio que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas uma reside na liberdade do leitor, e a outra na expressa vontade de dominação do autor”. Cfr. Prefácio incluído por Tolkien na edição revista de sua obra, *O senhor dos anéis*, publicada em 1966. A tradução a que aqui se recorre, de Tarragó, não aparece nas edições mais habituais da Minotauro, em que há a correspondência com o prefácio da edição original de 1954.

necessário arbitrar uma solução e adotar medidas realmente efetivas, com o objetivo de corrigir esse processo destrutivo.

- Assim mesmo, deve-se ter em conta o contexto narrativo da obra, isto é, o conjunto de fatores externos que puderam influir tanto no processo de escrita quanto na recepção e interpretação do romance. No caso particular de *As crônicas de gelo e fogo*, a progressiva integração da causa ambiental nas agendas governamentais permite distinguir um contexto internacional marcado pelo fenômeno das mudanças climáticas. Em concreto, distinguem-se quatro etapas: os anos oitenta marcam o incipiente desenvolvimento da preocupação científica sobre o aquecimento global e sua incorporação ao debate político. Trata-se de um conjunto de inquietações embrionárias que se consolidarão como fenômeno como a Cúpula da Terra do Rio de Janeiro de 1992 e a adoção da Convenção de Mudanças Climáticas¹¹. Dá-se lugar, assim, a terceira e longa fase de regulação, que se estende entre os anos 1995 e 2007 e na qual ocorre a Cúpula de Johannesburg de 2002 e a negociação, adoção e entrada em vigor do Protocolo de Kioto¹²; até chegar o momento atual, da quarta fase, cujo epicentro compreende a negociação e elaboração do regime climático “pós-Kioto”, encarnado na Cúpula Mundial Rio+20 e no Acordo de Paris de 2015¹³.

¹¹ Cúpula da Terra organizada pela ONU e celebrada no Rio de Janeiro, Brasil, de 3 a 14 de junho de 1992. Trata-se de um verdadeiro marco ambiental que introduz o desenvolvimento sustentável como meta principal e estabelece, para a sua consecução, uma série de cinco acordos que configuram o regime internacional de cooperação. Os cinco acordos adotados foram os seguintes: i) a *Declaração do Rio sobre meio ambiente e desenvolvimento*, através da qual se esclarece o conceito de desenvolvimento sustentável; ii) a *Agenda 21*, um programa de ação para o século XXI, relativo à aplicação dos princípios da Declaração; iii) a *Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas*, que afirma a necessidade de reduzir as emissões de gases de efeito estufa, conduzindo à assinatura, em 1997, do Protocolo de Kioto; iv) a *Declaração de Princípios sobre Florestas*; e v) a *Convenção sobre a Diversidade Biológica*, que subordina o uso da herança genética mundial a uma série de condições.

¹² Cúpula da Terra organizada pela ONU, celebrada em Johannesburg, de 26 de agosto a 4 de setembro de 2002. Seu principal objetivo foi renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável através da adoção de um plano de ação de 153 artigos sobre diversos temas, entre outros, a pobreza, o consumo, os recursos naturais e sua gestão, a globalização e o cumprimento dos direitos humanos.

¹³ Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, celebrada no Rio de Janeiro, Brasil, de 20 a 22 de junho de 2012. A Cúpula centrou-se em dois temas capitais: a economia verde - sob o contexto de sustentabilidade e erradicação da pobreza -; e o marco institucional sobre o desenvolvimento sustentável. Seu encerramento se deu com um fraco documento intitulado “O futuro que queremos”, qualificado de decepcionante pelas organizações ambientais, devido à ausência de líderes mundiais como Barak Obama, Ângela Merkel e David Cameron. Já o Acordo de Paris foi negociado durante a XXI Conferência sobre Mudanças Climáticas (COP21), adotado em

- O terceiro e último ponto enfoca as semelhanças encontradas entre os papéis desempenhados por algumas personagens de *Game of Thrones* e os exercidos pelos protagonistas de nossa política internacional. Como se verá, os governantes e, em especial, os efeitos derivados de suas políticas interessadas têm vieses equivalentes em ambos os cenários. Compartilha-se, em ambos os casos, um eixo central, “a consecução dos objetivos a curto prazo que distraem os protagonistas das questões verdadeiramente prementes, as questões de sobrevivência humana”, (Carpenter, 2012).

Game of Thrones passaria, desse modo, a fazer parte de um novo subgênero literário e cinematográfico denominado “cli-fi”, no qual se integram a fantasia climática e a ficção científica e ao qual também pertencem obras como *O senhor dos anéis*, *O conto da aia*, *Mad Max* ou *Doctor Who*¹⁴. Diferentemente da ficção científica tradicional, seus temas principais já não se referem a tecnologias imaginárias ou planetas longínquos, mas se centram no impacto da contraminação, no aumento do nível do mar ou na ameaça global sobre a civilização humana. Como assinala DiPaolo,

esses autores compartilham a ideia de que todos devemos deixar de lado nossas diferenças culturais e transcender nossas circunstâncias pessoais e socioeconômicas para trabalhar juntos na salvação do meio ambiente. Em conjunto, essas obras de ficção climática desenham diversas formas nas quais se pode alcançar uma

12 de dezembro de 2015 pelos 195 países-membros. O objetivo principal era fechar um pacto internacional em que os Estados se comprometessem a trabalhar em favor da conservação do meio ambiente e sua atmosfera. Assim, foi acordado que o aumento da temperatura global não superaria os 2°C num período de 20 anos. Para isso, fixam-se as medidas para a redução das emissões através da diminuição, adaptação e resiliência dos ecossistemas aos efeitos do aquecimento global. O Acordo de Paris deve substituir o Protocolo de Kioto, de forma que sua aplicabilidade se adia até 2020. Em que pese sua importância, em 1 de junho de 2017, o presidente Donald Trump anunciou a retirada dos EUA desse acordo, numa questionável intenção de favorecer os interesses econômicos de seu país.

¹⁴ Embora Julio Verne tenha introduzido essas ideias em 1880, a doutrina especializada aponta o século xx como data da incorporação do dano ambiental e sua origem antropogênica na temática literária. O autor britânico Ballard foi pioneiro na narração do apocalipse ambiental, a partir da década de 1960, em livros como *The Wind from Nowhere*. Entretanto, foi o escritor e ativista climático Dan Bloom quem empregou pela primeira vez o termo “cli-fi”, em 2007, com o fim de criar uma palavra com a qual promover a conscientização sobre o aquecimento global. Como afirmar Ulrich, “a estratégia funcionou. Quando Margaret Atwood utilizou o termo em um tweet de 2012, ela o apresentou a seus 500.000 seguidores. À medida que a noção de “cli-fi” se fez valer, os editores e revisores dos livros começaram a considerá-la como uma nova categoria. Nesse sentido, o “cli-fi” é um fenômeno literário verdadeiramente moderno, nasceu como um meme e se elevou a gênero distinto graças ao poder das redes sociais” (Ulrich, 2015).

solidariedade ecológica profunda num amplo espectro ideológico e cultural (2018, p. 170).

A cada vez mais arraigada preocupação ambiental e a maior conscientização sobre as graves consequências vinculadas às mudanças climáticas se traduzem em um exponencial crescimento desse gênero. As obras literárias e cinematográficas que pertencem ao “cli-fi” facilitam o acesso dos mais jovens aos temas ambientais, demonstrando que a literatura e o cinema podem ser ferramentas surpreendentemente valiosas na luta contra o aquecimento global.

2 A AMEAÇA E SUA ORIGEM: A MUDANÇAS CLIMÁTICAS E OS CAMINHANTES BRANCOS

O lema dos Stark, “o inverno se aproxima”, é empregado neste trabalho num sentido tanto literal quanto metafórico. A humanidade aproxima-se irremediavelmente da catástrofe, enquanto os governantes se mantêm alheios a isso, submersos em interesses oportunistas. Essa é a premissa básica da que parte a correlação entre os caminhantes brancos e as mudanças climáticas. E, para defendê-la devidamente, serão analisadas, a seguir, alguma das semelhanças que ambas as ameaças apresentam, em especial, a origem antroprocêntrica de ambos os fenômenos¹⁵.

Em primeiro lugar, no mundo de *Game of Thrones* existe uma ameaça global para os Sete Reinos que põe em grave perigo a continuidade da humanidade e seu modo de vida em Westeros. Esse mal se define como um exército de “demonios de neve, gelo e frio. O antigo inimigo. O único que importa de verdade”, (Martin, 2011b, p.507). De acordo com a história de Westeros, Os Outros são criaturas não humanas que existem ao norte da Muralha. Sua primeira aparição ocorre na Longa Noite que cobriu de escuridão Westeros e Essos há milhares de anos, durante um inverno frio, intenso e duradouro, como jamais homem algum havia conhecido¹⁶. A

¹⁵ Conforme explicado no início deste trabalho, vide nota 1, existem certos relatos não coincidentes entre o romance de Martin e a série de televisão *Game of Thrones*. Especificamente em relação à origem dos caminhantes brancos, mantemos aqui a narrativa da atual adaptação televisiva, e não na saga literária, em que sua origem ainda está para ser confirmada, apesar da teoria exposta neste trabalho.

¹⁶ A fim de informar-se sobre a História Antiga de *As Crônicas de gelo e fogo*, durante a qual acontecem fatos como a Era do Amanhecer, a chegada dos Primeiros Homens, a Longa Noite, a Batalha da Aurora etc., deixa-se referida a obra de Martin (Martin *et al.*, 2015).

Velha Ama refere um cenário cruel no qual fatais consequências afetam, de maneira igual, a ricos e pobres. Assim, conta que “houve uma noite que durou uma geração, os reis tremiam e morriam em seus castelos do mesmo modo que os porquinhos em suas choupanas. As mães asfixiavam seus filhos com almofadas para não os ver morrer de fome, e choravam, e as lágrimas congelavam nas suas faces” (Martin, 2006, p. 239). Nesse contexto surgem seres sobrenaturais que tem a capacidade de levantar os mortos para combater os vivos, destruindo tudo por onde passam, sem a mínima piedade. A Velha Ama os decreve como,

Coisas frias, coisas mortas, que detestavam o ferro e o fogo e a luz do sol, e toda criatura com sangue quente nas veias. Arrasaram aldeias, cidades e reinos, derrotaram a heróis e exércitos. Eram inumeráveis, sempre nos lombos de cavalos esbranquiçados e mortos, a frente de exércitos de cadáveres. Nem todas as espadas dos homens puderam deter seu avanço, nem as donzelas nem os bebês de peito despertaram sua compaixão (Martin, 2006, p. 239).

Desenha-se uma ameaça inexorável, que transforma, todos os lugares por onde passa, num inferno gelado, que arrasa sem distinção de classes e frente a qual as armas e os exércitos não servem de nada. Porém, desaparecidos há mais de oito mil anos, após a Idade dos Heróis, não falta quem afirme que, “Os Outros são tão somente uma lenda, um conto para fazer com que as crianças tenham medo” (Martin, 2006, p. 536)¹⁷. Eles são muitas vezes considerados criaturas legendárias que somente aparecem nos contos de terror ou, como diria Donald Trump, nos “contos chineses”. Tecemos, assim, a primeira afinidade com as mudanças climáticas, o ceticismo e a incredulidade sobre sua existência real. No ano de 2012, o hoje presidente de uma das potências mais poluidoras do mundo, Donald Trump, não hesitou em afirmar que, “o conceito de aquecimento global foi criado por e para os chineses, com o objetivo de fazer a indústria

¹⁷ Em sentido semelhante se pronuncia Eddgar Stark quando afirmar que “Os Outros estão tão mortos com os filhos do bosque; há oito mil anos que desapareceram. Na opinião do mestre Luwin, não existiram nunca. Ninguém jamais os viu” (Martin, 2006, p. 37). Segundo a história de *As Crônicas de gelo e fogo*, os Outros desapareceram depois de uma aliança entre os Primeiros Homens, os filhos da floresta e os membros da Patrulha da Noite. Azor Ahai conseguiu vencer Os Outros na Batalha da Aurora, portando uma espada de fogo chamada Liminífera. Sobre a história de Azor Ahai, *vide* Martin (2011a, p. 153).

estadunidense perdesse sua competitividade”¹⁸. Não é a primeira vez que o presidente Trump nega a realidade das mudanças climáticas. Sua absoluta falta de receio o levou, em várias ocasiões, a se mostrar irônico, chegando a suplicar para seu país um pouco de aquecimento global que fizesse subir as baixas temperaturas do rigoroso inverno norteamericano¹⁹.

O segundo aspecto a ressaltar viria de efeitos associados a um e outro fenômeno. Para o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), o termo “mudanças climáticas” denota uma modificação no estado do clima e na variabilidade de suas propriedades – seja ou não consequência da atividade humana – que persistem durante um lapso temporal prolongado, geralmente cifrado em decênios ou em períodos maiores. Esse significado difere do utilizado na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que o define como uma mudança do clima atribuída direta ou indiretamente à atividade humana, que altera a composição da atmosfera mundial e que vem somar-se à variabilidade climática natural observada em períodos de tempo comparáveis (IPCC, 2007, p. 30). Portanto, em ambos os casos – mudanças climáticas / caminhantes brancos –, estaríamos diante de um fenômeno devastador que altera o clima e cujos efeitos negativos não se limitam à alteração das temperaturas, mas, sim, que se estendem muito mais além. Como se verá, os dois cenários acarretam, ademais, outras catástrofes que comportam a impossibilidade de cultivar alimentos, obrigam a migração de populações que tratam de fugir em direção a zonas mais prósperas ou geram a elevação do nível do mar, entre outros danos. Em definitivo, tratar-se-ia de um dos maiores desafios para a humanidade, qualquer que seja a realidade que se examine.

¹⁸ Em 6 de novembro de 2012, Donald Trump publicava em sua conta oficial do Twitter, @realDonaldTrump, a seguinte mensagem: “the concept of global warming was created by and for the Chinese in order to make U.S. manufacturing non-competitive” (Fresneda, 2016).

¹⁹ Neste sentido, reproduzimos em seguida alguns dos comentários do presidente Trump nas redes sociais, de fato, através da conta oficial do Twitter: “It’s freezing and snowing in New York--we need global warming!” (7 de novembro de 2012); “The freezing cold weather across the country is brutal. Must be all that global warming”, (25 de janeiro de 2013); “It’s late in July and it is really cold outside in New York. Where the hell is global warming??? We need some fast! It’s now climate change”, (28 de julho de 2014); “It’s really cold outside, they are calling it a major freeze, weeks ahead of normal. Man, we could use a big fat dose of global warming!”, (19 de outubro de 2015). Todos disponíveis em: <https://twitter.com/realDonaldTrump>.

Entretanto, além disso, as duas ameaças são produtos da ação do homem, ou seja, têm origem antropogênica. Em *Game of Thrones*, foi a chegada dos Primeiros Homens a Westeros e seu afã por conquistar e arrasar tudo o que encontravam em seu caminho o que atua como germe da grande ameaça que agora se estende sobre todos²⁰. A história narra como “os Primeiros Homens chegaram com espadas de bronze e grandes escudos de couro, montados em cavalos. Começaram a construir aldeias e fazendas, e para isso cortaram os rostos e os jogaram ao fogo. Os filhos, horrorizados, foram à guerra” (Martin, 2006, p. 708). De acordo com o roteiro televisivo, em que pese a vantagem da magia, os filhos da floresta perdiam progressivamente a guerra nas mãos dos humanos belicamente melhor preparados. O desespero – como explica Folha a Bran durante seu treinamento com o corvo de três olhos – empurra-os a tomar uma decisão equivocada: a criação dos caminhanes brancos²¹. Os Outros nascem, assim, como instrumentos de defesa. Entretanto, com o tempo e sem maiores explicações, conseguiram se libertar do controle dos filhos da floresta e se tornam uma ameaça para tudo o que vive.

²⁰ A saga literaria afirma que o final da guerra entre os Primeiros Homens e os filhos da floresta chegou após anos de batalhas, quando ambas as partes acordaram a paz mediante a celebração de um paco com o qual a Era da Aurora chegou ao fim, dando início a Era dos Heróis (Martin, 2006, p. 708-709).

²¹ Aprecia-se, nesse relato, uma das principais diferenças entre a série de televisão e os romances. Servimo-nos interessadamente da versão oferecida pela adaptação televisiva, ao nos permitir estabelecer um paralelo mais evidente com a origem “antropocêntrica” do Rei da Noite. Durante seu treinamento na arte dos videntes verdes, o corvo de três olhos mostra a Bran a origem dos caminhanes brancos. Na visão, um ancião encontra-se rodeado por um grupo de filhos da floresta, as pequenas criaturas cravam em seu coração algo que parece ser Vidro de Dragão, os olhos do homem se tornaram azul gelo e surge assim o primeiro caminante branco (vide “A porta”, episódio 5, 6ª temporada de *Game of Thrones*). A origem do Rei da Noite que narra o romance é muito diferente: “Bran se lembrou de outra das histórias da Velha Ama, a lenda do Rei da Noite. Segundo ela havia sido o décimo terceiro chefe da Patrulha da Noite, um guerreiro que não conhecia o medo. ‘E esse era sua grande falha – acrescentava – porque todos os homens devem conhecer o medo’. Uma mulher foi sua perdição, uma mulher que ele viu de cima da Muralha, com pele branca como a lua e olhos como estrelas azuis. Sem medo de nada a perseguiu, alcançou-a e a amou, ainda que sua pele fosse fria como gelo, e quando lhe entregou sua semente, entregou-lhe também sua alma. Levou-a com ele à fortaleza de Fortenoite, proclamou-a rainha ao mesmo tempo em que ele se proclamava rei e submeteu os Irmãos Juramentados a sua vontade, graças a estranhos sortilégios. O reinado do Rei da Noite e sua cadavérica esposa durou treze anos, até que, por fim, o Stark de Inervalia e Joramun dos selvagens uniram forças para liberar a Patrulha. Após sua queda, quando se soube que fazia sacrifícios aos Outros, destruíram-se todos os documentos relativos ao Rei da Noite e até seu nome caiu no esquecimento” (Martin, 2011b, p. 199-200).

De sua parte, as mudanças climáticas são uma realidade inquestionável. Como afirma o IPCC, “o aquecimento do sistema climático é inequívoco, como já evidencia o aumento observado da média mundial das temperaturas do ar e do oceano, o derretimento generalizado de calotas e geleiras e o aumento da média mundial do nível do mar” (IPCC, 2007, p. 44)²². Tampouco existem dúvidas sobre a sua origem antropocêntrica. O quarto Informe de Avaliação do IPCC, “Mudanças climáticas 2007”, afirma que, a média mundial do aquecimento dos últimos cinquenta anos se deve, em sua maior parte, ao aumento de gases de efeito estufa antropógenos, e é provável que, em metade de cada continente (exceto a Antártida), esteja ocorrendo um aquecimento discernível que é induzido pelos seres humanos. O total mundial anual de emissões de gases de efeito estufa antropógenos aumentou em 70% entre os anos de 1970 e 2004. Como consequência dessas emissões, as concentrações de N₂O na atmosfera, atualmente, ultrapassam em demasia os valores da era pré-industrial ao longo de milhares de anos, e os de CH₄ e CO₂ excedem também em muito os valores naturais existentes nos últimos 650.000 anos (IPCC, 2007, p. 72). A origem antrópica da ameaça é inquestionável, tratando-se de uma consequência direta do modelo de produção energética, da superexploração e ao superconsumo de recursos com os que o ser humano está minando o planeta. Ademais, tal como afirmávamos a respeito dos caminhantes brancos, também o aquecimento global começa a escapar de nossas possibilidades de controle. A comunidade científica adverte agora a respeito da alta probabilidade de que a Terra entre num estado irreversível de efeito estufa. Nesse cenário, o homem deixaria de ter certo controle sobre as mudanças climáticas (suposto controle que exerce através da limitação de

²² O quarto Informe da Avaliação do IPCC, “Mudanças Climáticas 2007”, aborda de forma específica temas de indubitável transcendência para os responsáveis políticos pela esfera das mudanças climáticas. Assim, confirma que esse fenômeno é uma realidade causada fundamentalmente por atividades humanas; bem como o potencial de adaptação da sociedade para reduzir sua vulnerabilidade; e, por último, oferece uma análise dos custos, políticas e tecnologias que resultarão na limitação da magnitude das possíveis e prováveis mudanças futuras. O informe foi publicado em quatro seções diferentes, resultando de especial interesse ao objeto deste estudo no trabalho da quarta seção (IPCC, 2007).

CO₂), e as temperaturas levariam o planeta “a um modo de funcionar completamente novo”²³.

3 A AMEAÇA GLOBAL E SEUS IMPACTOS NO MEIO: A HUMANIDADE COMO COLETIVO VULNERÁVEL

Ficção e realidade reproduzem um cenário similar em que algumas primeiras e tímidas advertências de perigo, negadas desde as altas esferas, dão passo à inquestionável certeza sobre a proximidade da ameaça. Em nosso caso, será a evidência científica a que revela um aumento sem precedentes da temperatura média do planeta; em *Game of Thrones* é o confronto direto com os caminhanes brancos o que erradica qualquer olhar de dúvida sobre sua existência. O debate já não é se existe ou não um perigo, mas, sim, em determinar sua magnitude e o concreto alcance de seus efeitos sobre o clima, os sistemas naturais e a própria sobrevivência da espécie humana.

Em *Game of Thrones*, os caminhanes brancos não só ressuscitam os humanos e os animais, transformando-os em um exército de mortos, mas também fazem sucumbir a natureza que está em seu caminho. Como descreve a Velha Ama, Os Outros vêm precedidos de um frio implacável, um fenômeno climático extremo ao qual se vinculam inexoráveis impactos no ambiente natural e humano, entre eles, os seguintes:

- *Ecosistemas*: a natureza sucumbe ao gelo dos caminhanes brancos, o mesmo se dá com a fauna. A capacidade dos ecossistemas de se adaptarem e reagirem aos impactos derivados do frio extremo provavelmente fracassaria na presença prolongada dos Outros. Isso levaria, ademais, ao deslocamento geográfico de algumas espécies, com consequências negativas para a biodiversidade. Em caso de persistir ininterruptamente um frio glacial, muitas espécies de Westeros, pertencentes a um ambiente quente, entrariam em risco de extinção²⁴.

²³ Como adverte Fernando Valladares, pesquisador do CSIC, “todos os modelos concordam que, ao superar o limiar de 1,5°C ou 2°C de aquecimento, entramos em processos irreversíveis. E não é um processo gradual, no qual iríamos tendo pouco a pouco mais calor, mas sim que, ao cruzar esse limiar, a instabilidade cresce muito e a probabilidade de eventos extremos é muito grande. É tal a inversão que se dará no sistema climático que a comunidade científica não sabe com certeza ainda como vai funcionar” (Miranda, 2018).

²⁴ Como assinala a Velha Ama, “o medo é para a Longa Noite, quando o sol oculta a face durante anos inteiros, os bebês nascem, vivem e morrem na escuridão, os lobos estão famélicos e os caminhanes brancos percorrem as florestas” (Martin, 2006, p. 238). Num

- *Alimentos e meio de vida*: a presença dos caminhantes brancos e sua influência sobre o meio geram nevascas que impossibilitam o cultivo de alimentos. Isso implicaria a perda irreparável dos meios de produção e a iria agravar imensamente o risco de fome, que já é evidente no Povo Livre.

De sua parte, os estudos desenvolvidos pelo IPCC em todos os continentes e na maioria dos oceanos permitem avaliar a relação entre o aquecimento global e seus impactos no ambiente natural e humano. As mudanças experimentadas, como a redução observada da cobertura de neve e a menor extensão e espessura das calotas marinhas, o encurtamento das estações gélidas em lagos e rios, o degelo das calotas, a menor extensão do *permafrost*, o aumento das temperaturas do solo e dos perfis de temperatura obtidos de perfurações, assim como o aumento do nível do mar, são algumas das manifestações do fenômeno com o qual nos confrontamos. Ao continuar ou aumentar as atuais emissões de gases de efeito estufa, o aquecimento global se intensificará, operando numerosas mudanças no sistema climático mundial durante o século XXI, que superarão àquelas observadas durante o século XX. Mas ainda quando as concentrações de gases se estabilizem, o IPCC adverte que o aquecimento antropógeno e o aumento de nível do mar podem continuar durante séculos, alertando sobre alguns dos impactos previstos para este século²⁵:

- *Ecossistemas*: a resiliência de numerosos ecossistemas se verá provavelmente vencida, tanto pelas perturbações derivadas das mudanças climáticas – inundações, secas, incêndios descontrolados – quanto pelos seus causadores – por exemplo, mudança de uso da terra, contaminação, superexploração de recursos. Isso causará deslocamentos na extensão geográfica das espécies, com consequências negativas para a biodiversidade. Calcula-se que, entre 20% e 30% das espécies vegetais e animais analisadas pelo IPCC, estarão expostas a maior risco de extinção se

sentido semelhante, Sam aponta que “a maioria dos relatos coincidem que Os Outros chegavam com o frio. Ou se não, quando chegam começa o frio. Segundo algumas narrações, Os Outros cavalgavam no lombo de animais mortos: ursos, lobos, mamutes, cavalos. Não importa, contanto que a besta não esteja viva (Martin, 2011c, p. 109).

²⁵ Para comprovar os dados relativos aos impactos derivados das mudanças climáticas que aqui são referidos, *vide* IPCC (2007, p. 46).

os aumentos da média mundial de temperatura excederem entre 1,5°C e 2,5°C (IPCC, 2007, p. 14).

- *Alimentos e saúde*: como adverte o painel intergovernamental, nas regiões sazonalmente secas e tropicais, o aumento de temperatura entre 1º e 2ºC diminuirá a produtividade dos cultivos, incrementando a má-nutrição e o risco de fome. A situação sanitária de milhões de pessoas poderia resultar gravemente afetada, acrescentando o número de disfunções, enfermidades e lesões causadas por fenômenos meteorológicos extremos²⁶.

- *Costas*: as mudanças climáticas expõem as costas a maiores riscos, em particular à erosão e ao aumento do nível do mar. Esse efeito é exacerbado pela crescente pressão exercida pela presença humana nas áreas costeiras. O IPCC assinala que, para o decênio 2080, serão muitos os milhões de pessoas que sofrerão inundações por consequência do aumento do nível do mar. Tal fenômeno ocasionará, ademais, agravamento nas limitações dos recursos hídricos devido à maior salinização dos suprimentos de água subterrânea (IPCC, 2007, p. 48).

- *Água*: os impactos sobre o setor hídrico resultam elevados para quase todos os setores. As mudanças nas precipitações e na temperatura, as perdas de massa generalizada das calotas e as reduções da cobertura de neve dos últimos decênios irão se acelerar durante o século XXI, reduzindo a disponibilidade de água e o potencial hidroelétrico. Irá se produzir um aumento da extensão de zonas afetadas pelas secas, o que contrasta com o previsível aumento de chuvas intensas em numerosas regiões. Esse aumento comporta maior risco de crescer e levanta problemas do ponto de vista da sociedade, das infraestruturas físicas e da qualidade da água²⁷.

²⁶ A comunidade científica aponta um crescimento no número de enfermidades cardiorrespiratórias causadas pelo aumento das concentrações de ozônio em baixos níveis, nas áreas urbanas, como efeito das mudanças climáticas, e uma alteração na distribuição espacial de certas enfermidades infecciosas (IPCC, 2007, p. 48).

²⁷ Como afirma o IPCC, é provável que até 20% da população mundial chegue a habitar em áreas em que as enchentes aumentem de hoje até o decênio de 2080. O aumento na frequência e gravidade das enchentes e secas afetará negativamente o desenvolvimento sustentável. O aumento das temperaturas afetaria também as propriedades físicas, químicas e biológicas dos lagos e rios de água doce, o que poderia gerar danos diretos a numerosas espécies desse habitat, assim como a qualidade da água (IPCC, 2007, p. 45).

Os impactos analisados não são os únicos que chamam a atenção. Juntamente com eles, destaca-se uma consequência de especial relevância: os refugiados climáticos e a evidência da vulnerabilidade de nossas populações. As sociedades mais vulneráveis são, em termos gerais, aquelas cuja economia está estreitamente vinculada a recursos sensíveis ao clima e se localizam em áreas propensas a fenômenos meteorológicos extremos. Desse ponto de vista, os cenários que são oferecidos em *Game of Thrones* e nosso mundo real compartilham importantes elementos. Os países em vias de desenvolvimento, mais pobres e com menos recursos, vêm-se afetados de forma mais severa na agricultura e em seus meios de produção, empurrando milhares de pessoas para o exílio. Em *Game of Thrones*, o Povo Livre se vê obrigado a abandonar seu ambiente, sua forma de vida e seus meios de produção e buscar a segurança ao sul da Muralha. Os selvagens são os que mais próximo vivem dos caminhantes brancos e serão os primeiros a sofrer os estragos que o inimigo causa. Por isso, eles têm que cruzar para o outro lado da Muralha, a fim de se protegerem da ameaça, tal como acontece com centenas de milhares de refugiados climáticos, no plano da realidade. A comparação funciona porque os deslocamentos vinculados ao aquecimento global constituem um problema completamente atual. Em 1990, o IPCC advertiu que a migração humana poderia ser uma das consequências mais graves das mudanças climáticas. Milhões de deslocamentos por conta da erosão da linha costeira, das inundações do litoral e dos estragos na agricultura (Organização Internacional para Migrações, 2008, p. 11). Na atualidade, a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ANUR) afirma que, “cada ano, desde 2008, 21,5 milhões de pessoas têm sido forçosamente migradas por perigos meteorológicos repentinos”²⁸. As estimativas para o ano de 2050 não parecem melhorar, posto que se prevê por volta de 200 milhões de migrantes climáticos. Isso torna o aquecimento global a principal causa do deslocamento de uma em cada quarenta e cinco pessoas no mundo (Stern, 2006, p. 3).

Essas cifras revelam que os deslocamentos dos refugiados climáticos superam aqueles resultantes de guerras internas, catástrofes naturais ou

²⁸ Informação disponível em: <http://www.acnur.org/noticias/noticia/preguntas-frecuentes-sobre-el-desplazamiento-causado-por-el-cambio-climatico-y-los-desastres-naturales/>.

conflitos políticos, étnicos e religiosos (Altamira Rua, 2014, p. 15). Em que pese essa realidade incontestável, os deslocamentos climáticos carecem de expresso reconhecimento legal, a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 e seu Protocolo de 1967 não os reconhecem como tais, da mesma forma que não o faz o Acordo de Paris de 2015²⁹. Ademais, ainda persiste o debate gerado em torno da semântica que deve se empregar – diferenciando migrante e refugiado –, dadas as díspares consequência e obrigações que acarretaria para a comunidade internacional o emprego de uma ou outra denominação³⁰.

Mas, sem dúvida, o maior problema associado aos deslocamentos populacionais e a invasão de fronteiras consiste nos conflitos bélicos por motivos políticos, culturais ou religiosos. Em *Game of Thrones*, as contínuas tentativas do Povo Livre de cruzar a Muralha conduziram à situação inicial de enfrentamento e guerra com a Patrulha da Noite. Essa situação permite estabelecer uma importante semelhança se levado em conta que o aquecimento global aparece entre os fatores que, juntamente com razões geopolíticas, origina o maior número de conflitos bélicos³¹. Nesses casos, a colaboração e cooperação entre populações resulta tão complexa quanto essencial. Em *As crônicas de gelo e fogo*, a única solução se encontra na luta comum contra o verdadeiro inimigo. Para isso é necessário que a Patrulha da Noite estabeleça alianças com os exércitos

²⁹ A Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados das Nações Unidas, de 28 de julho de 1951, define o conceito de refugiado e decide quem são os indivíduos aos quais garantir asilo, assim como as responsabilidades que correspondem às nações.

³⁰ A complexidade desse debate e as causas que o justificam excedem em demasia o objeto deste trabalho, assim, recorremos a definição da OIM: “conhece-se como migrante por causas ambientais as pessoas ou grupos de pessoas que, por culpa de mudanças do meio ambiente inevitáveis, súbitas ou progressivas, que afetam de forma negativa suas vidas ou suas condições de vida, vêm-se obrigadas a deixar seus lares habituais, ou decidem fazê-lo voluntariamente. O deslocamento pode ser temporal ou permanente, no interior do seu país ou ao estrangeiro” (OIM, 2007, p. 1-2).

³¹ Como afirma a ACNUR, “as mudanças climáticas também são um ‘multiplicador de ameaças’ em muitos dos conflitos de Darfur a Somália, do Iraque à Síria. A Primavera Árabe comumente se vê como a causa que levou ao conflito na Síria, mas as pessoas tendem a esquecer a seca de cinco anos ao noroeste da Síria, que antecedeu a guerra e causou o deslocamento de 1,5 milhões de pessoas. As mudanças climáticas lançam as sementes para o conflito, mas o deslocamento também piora, quando ocorre. Entre os fatores que influíram na guerra da Síria, identifica-se o aumento do preço do trigo, devido à escassez de chuvas nos países produtores, que influenciou o estouro desse e de outros conflitos ligados à Primavera Árabe”. Informação disponível em: <http://www.acnur.org/noticias/noticia/preguntas-frecuentes-sobre-el-desplazamiento-causado-por-el-cambio-climatico-y-los-desastres-naturales/>.

bárbaros do norte, o que leva a drásticas concessões sociais, já que os recém chegados trazem consigo ideias distintas sobre política, cultura e religião. Como afirma Charlie Carpenter, “o argumento parece claro: se as estruturas de governo existentes não podem gerir as ameaças globais emergentes, espera-se que evoluam ou fiquem pelo caminho” (Carpenter, 2012). Nossa realidade não é diferente nesse sentido. Por isso se fazem necessárias ações concretas e urgentes que sejam reflexo da colaboração e da coordenação de todos os países. Isso requer uma mudança de paradigma que permita fazer as concessões necessárias para produzir a adaptação mudanças que se aproxima e poder garantir a estabilidade social.

3 A COLABORAÇÃO GLOBAL COMO ÚNICA SOLUÇÃO À AMEAÇA COMUM: O PACTO DO FOSSO DO DRAGÃO E O ACORDO DE PARIS 2015

A inquestionável gravidade das ameaças examinadas as converte em uma prioridade inevitável e improrrogável dos governos. Após cinco livros e sete temporadas, os seguidores de *As crônicas de gelo e fogo* sabem que a única solução frente aos caminhanes brancos passa por unir as forças de todos os reinos em uma estratégia conjunta. Do mesmo modo, a solução frente às mudanças climáticas encontra-se na adoção de políticas comuns, dirigidas à redução efetiva das emissões de CO₂, assim como na priorização das opções energéticas renováveis e do desenvolvimento sustentável, através de novos modelos produtivos. Pôr freio às mudanças climáticas exige que as grandes nações poluidoras – como Estados Unidos ou China – sacrifiquem seus interesses a curto prazo e cedam em sua disputa política para organizar uma frente comum que defenda os interesses de todos. Do mesmo modo, para encontrar uma saída para o problema dos caminhanes brancos, é necessário que as grandes casas nobres abdicuem de seus interesses no Trono de Ferro e deixem suas lutas internas para encarar a realidade de um inimigo comum. Nesse aspecto, cabe abordar duas atitudes de responsabilidade por parte dos governantes: o pacto do Fosso do Dragão e o Acordo de Paris de 2015. No que se refere em *Game of Thrones*, a última temporada --alheia, portanto, à trama da novela -- finaliza com uma cena quase tão épica quanto esperada: o Acordo do Fosso do Dragão, a maior

reunião de personagens protagonistas da história da série³². O paralelismo com a realidade se faz no Acordo de Paris de 2015, em que mais de duzentos governos de todo o mundo assumiram seu compromisso com as mudanças climáticas. Examinamos, na sequência, algumas das semelhanças:

O Fosso do Dragão é, em si, um lugar emblemático. Construído por Maegor I, “O cruel”, no alto da colina de Rhaenys, em Porto Real, seu destino durante anos havia sido enclausurar os dragões da família Targaryen. Atualmente, está em ruínas, sua cúpula principal desabou e suas portas de bronze foram fechadas por mais de um século (Martin, 2006, p.172). Sua relevância faz dele o cenário escolhido para celebrar a decisiva cúpula dos protagonistas dos Sete Reinos: Cersei Lannister, Jaime Lannister, Qyburn e Euron Greyjoy (representando o Trono de Ferro); John Snow, Davos Seaworth e Brienne de Tarth (representando o norte); e a corte de Daenerys Targaryen, junto com sua rainha. O objetivo principal dessa reunião é formar uma aliança contra os caminantes brancos. Para isso, Tyrion e John tentaram convencer Cersei Lannister de que a verdadeira ameaça está por chegar. A argumentação de John Snow é clara, “não se trata de viver em harmonia. Trata-se simplesmente de viver. Agora só há uma guerra que importa, a Grande Guerra”³³. Apesar da contundência de suas palavras, Cersei se nega a acreditar, afirmando que tudo se limita a uma astuta e enganadora estratégia para conseguir que ele baixe suas defesas. A posição de rainha obriga, irremediavelmente, a evocar alguns dos raciocínios de Trum em relação ao aquecimento global e à posição da China. Já no caso de Cersei, para convencê-lo é preciso uma dose de realidade, que chega das mãos de Sandor Clegane. O Cão abre uma caixa diante dos congregados na reunião, e dela sai enfurecido um zumbi que se dirige direto ao objetivo mais próximo: a rainha regente do Trono de Ferro. A demonstração sobre a existência real dos caminantes brancos parece suficiente para que se celebre um acordo no Fosso do Dragão, entretanto, serão as exigências e condições de caráter político que dificultarão uma aliança³⁴. Destaca, aqui, o papel fundamental de Tyrion

³² “O dragão e o lobo”, episódio 7, 7ª temporada de *Game of Thrones*.

³³ “O dragão e o lobo”, episódio 7, 7ª temporada de *Game of Thrones*.

³⁴ Entre os termos da negociação oferecidos por Cersei Lannister destacam-se os seguintes: Daenerys se ocupará do Exército dos Mortos; Cersei não retirará suas tropas das atuais posições, mas garantirá que não obstem as forças de Targaryen ou do norte durante a

Lannister, a quem se atribui grande parte do êxito alcançado no Fosso do Dragão, ao convencer a sua irmã de se unir ao resto de participantes no acordo, na luta contra o inimigo comum. O exército dos Lannister parece, portanto, que marchará em direção ao norte para lutar junto aos Stark e Targaryen. Entretanto, os interesses individuais se antepõem uma vez mais ao interesse geral, e a sétima temporada de *Game of Thrones* finaliza evidenciando como a ânsia de poder pode cegar os líderes. Assim, Cersei Lannister expõe a seu irmão Jaime suas verdadeiras intenções: “deixar que os monstros se matem entre eles”. Não tem intenção de cumprir o que foi acordado. O capítulo final da sétima temporada deixa clara a iminência do desastre. Enquanto no norte os caminhanes brancos atacam a Muralha, no Sul um vento gelado leva consigo a neve para Porto Real.

As semelhanças são chamativas. Após quatro anos de negociações, o Acordo de Paris de dezembro de 2015 rompe a dinâmica perversa em que ingressara a cooperação climática internacional, após as tentativas fracassadas de Copenhague e Doha (Salinas Alcega, 2018, p. 53-76). Pela primeira vez na história, 195 países se colocaram de acordo para limitar o aquecimento global a 1,5°C daqui a 2050. O limite de 2°C, a partir do qual a comunidade científica alerta consequências irreversíveis, é deixado de fora³⁵. Entretanto, as medidas adotadas até a atualidade não parecem suficientes. Os níveis de risco são alarmantes, e o IPCC adverte que, se não se realizarem esforços adicionais aos já existentes, persistirá o crescimento das emissões de gases de efeito estufa, consequência do crescimento da população mundial e das atividades econômicas. Nos cenários em que não se realize uma mitigação adicional, a comunidade científica prevê um aumento na temperatura média global entre 3,7°C e 4,8°C para o ano 2100, em comparação com os níveis pré-industriais (IPCC, 2014, p.8). Pois bem, a diferença do que ocorreu no Poço do Dragão, onde foi necessário levar um zumbi para que os incrédulos acreditassem, a postura adotada por nossa

batalha contra os caminhanes brancos. A condição para tal é que John Snow, como Rei no Norte, mantenha-se à margem de qualquer conflito futuro entre Cersei e Daenerys. A resposta de John sobre a impossibilidade de servir duas rainhas revela a todos que tomara o partido de Daenerys. Como consequência, o Trono de Ferro abandona a negociação, deixando que os Starks e os Targaryens combatam sozinhos os mortos-vivos.

³⁵ A Espanha depositou perante as Nações Unidas o instrumento de ratificação do Acordo de Paris em 12 de janeiro de 2017. Sobre o Acordo de Paris, consultar: <https://unfccc.int/process/the-paris-agreement/what-is-the-paris-agreement>.

comunidade internacional diante das mudanças climáticas tem sido outra. A Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas de 1992 mostra-se muito mais avançada do que a fantasia nesse aspecto e adota, como valor fundamental, o denominado princípio da precaução³⁶. De acordo com tal princípio, a falta de certeza científica total não deve ser utilizada para adiar as medidas de mitigação das mudanças climáticas quando existe uma ameaça de dano grave. Ou seja, conforme esse postulado, os Estados-membros estão obrigados a atuar no interesse da segurança humana, inclusive nos casos de falta de certeza científica.

Entretanto, apesar do aparente êxito do acordo alcançado em Paris, tampouco faltam aqui as deslealdades produzidas por interesses particulares. Sob o lema “American First”, Donald Trump não hesitou em abandonar a luta contra as mudanças climáticas. No início de junho de 2017, o presidente do segundo país mais poluidor do mundo anunciava sua decisão de abandonar o Acordo de 2015. Trump rompe assim o compromisso oferecido por Barack Obama de reduzir as emissões dos Estados Unidos entre 26% e 28%, para 2025, em relação aos níveis de 2005³⁷. No entanto, como essa é uma medida que não seria efetiva até 4 de novembro de 2020, Trump pode pretender renegociar os termos do acordo, como pode ser visto em suas últimas declarações³⁸. Entretanto, as Nações

³⁶ A Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, de 14 de junho de 1992, dispõe em seu princípio décimo-quinto que, “com a finalidade de proteger o meio ambiente, os Estados deverão aplicar amplamente o critério de precaução conforme suas capacidades. Quando houver perigo de dano grave ou irreversível, a falta de certeza científica absoluta não deverá ser utilizada como razão para que seja adiada a adoção de medidas eficazes em função dos custos para impedir a degradação ambiental”. Entre os primeiros instrumentos internacionais que integram o princípio da precaução destaca, por sua especial importância, o Protocolo de Montreal sobre as substâncias que empobrecem a camada de ozônio (negociado em 1987, entrou em vigor em 1 de janeiro de 1989). Trata-se de um dos mais bem-sucedidos exemplos de cooperação internacional para superar um problema global que ameace o meio ambiente. Sobre o princípio da precaução, ver Soro Mateo (2017, p. 87-151).

³⁷ Em somente quatro meses de mandato, Donald Trump assinou quatorze ordens executivas destinadas a desfazer as medidas adotadas para cumprir com o acordo oferecido por Barack Obama. Ademais, nomeou para a direção da Agência de Proteção Ambiental Scott Pruitt, um reconhecido negacionista das mudanças climáticas. Como informa *El País*, “Pruitt sempre recusou que o homem seja causador das mudanças climáticas e, como Procurador de Justiça de Oklahoma, chegou a processar quatorze vezes a agência que agora dirige seguindo as diretrizes das grandes companhias petrolíferas e elétricas” (Martínez Ahrens, 2017).

³⁸ Em 18 de julho de 2018, Donald Trump reiterou em coletiva de imprensa a possibilidade de que os Estados Unidos voltem ao pacto climático no futuro, deixando a porta aberta para negociar outro acordo, “inteiramente novo, melhor e mais justo” para os interesses de seu país. Nesse sentido, pode-se consultar: <https://www.antena3.com/noticias/mundo/donald-trump/medio-ambiente/trump-dice->

Unidas desmentiram essa possibilidade, advertindo sobre a inadmissível renegociação do acordo a pedido de um único país³⁹.

Por fim, podemos assinalar algumas das razões que justificariam a saída dos Estados Unidos. Nesse sentido, Trump destaca “as draconianas cargas financeiras e econômicas do denominado Acordo de Paris”⁴⁰. Entre elas, aponta o Fundo Verde do Clima, adotado como mecanismo multilateral da Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas em 2011. Sua meta é contribuir para a execução de todos os objetivos de diminuição e adaptação às mudanças climáticas da comunidade internacional, em especial, como instrumento de financiamento multilateral, para apoiar as ações climáticas nos países em desenvolvimento. Essa experiência pode encontrar sua analogia com uma situação apresentada em *Game of Thrones*. O Banco de Ferro de Braavos subvenciona economicamente as casas nobres para o desenvolvimento das guerras de Porto Real, quando, frente à ameaça dos caminhantes brancos, na verdade deveria custear a batalha comum ⁴¹.

REFERENCIAS

ALTAMIRA RUA, Teófilo. *Refugiados ambientales: cambio climático y migración forzada*. Lima: Perú Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2014. 225 p.

[que-podria-volver-acuerdo-paris-perjudica-eeuu_201801105a568e560cf211aaod48co81.html](https://www.elpais.com.uy/mundo/potencias-europeas-sostienen-acuerdo-paris-renegociable.html).

³⁹ As Nações Unidas desmentiram de imediato essa possibilidade e asseguraram que o Acordo de Paris não pode ser renegociado a pedido de um só país. O mesmo afirmou em um comunicado conjunto a chanceler alemã, Angela Merkel, o presidente francês Emmanuel Macron, e o primeiro ministro italiano Paolo Gentiloni, que afirmaram: “o momento gerado em Paris em dezembro de 2015 é irreversível e cremos firmemente que o Acordo de Paris não pode ser renegociado, já que é um instrumento vital para nosso planeta, nossas sociedades e economias” (EFE, 2017).

⁴⁰ Consulte: <https://www.elpais.com.uy/mundo/potencias-europeas-sostienen-acuerdo-paris-renegociable.html>.

⁴¹ O Banco de Ferro de Bravos é o mais rico e poderoso de todos os existentes nas Cidades Livres. Entre suas atividades, destaca-se o apoio a novos pretendentes ao trono, quando os reis falham no pagamento de suas dívidas ou não honram seus acordos com o banco. Os novos reis devem assumir, em troca, tanto o pagamento do dinheiro que lhe foi emprestado para reclamar seu poder quanto a dívida existente. É o que ocorre quando o Banco de Ferro planeja apoiar o reclame de Stannis Baratheon ao trono com a condição de que se honrem as dívidas do Trono de Ferro: “não pretenderéis fazer responsável Stannis das dívidas de seu irmão. As dívidas foram contraídas pelo Trono de Ferro – declarou Tycho –, e deve saldá-las quem quer que se sente nele [...] se se mostra digno de nossa confiança, iremos lhe proporcionar, com muito prazer, qualquer ajuda que necessite. John já havia imaginado algo parecido no momento em que soube que o Banco de Ferro enviava um emissário à Muralha” (Martín, 2012, p. 136).

BROOKE-ROSE, Christine. The Evil Ring: Realism and the Marvelous. *Poetics Today*, v. 1, n. 4, p. 67-90, 1980.

CARPENTER, Charli. Game of Thrones as Theory. *Foreign Affairs*, 29 de marzo de 2012. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2012-03-29/game-thrones-theory>. Acesso em: 20 maio 2019.

DIPAOLLO, Marc. *Fire and Snow: Climate Fiction from the Inklings to Game of Thrones*. Albany, New York: State University of New York press, 2018. 333 pp.

FRESNEDA, Carlos. Al Gore: Trump ha dado alas al activismo del clima. *El Mundo*, 14 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.elmundo.es/ciencia-y-salud/2017/08/14/59917049e2704e15778b45cb.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

FRESNEDA, Carlos. Cambio climático, un cuento chino. *El Mundo*, 9 de noviembre de 2016. Disponível em: <https://www.elmundo.es/internacional/2016/11/09/58236dede2704ebc6a8b4575.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

GARCÍA TOJAR, Luis. La ideología de Star Wars. *IX Congreso de la Federación Española de Sociología: Poder, Cultura y Civilización*, Mesa 18. Sociología de la Cultura y de las Artes, Universidad de Barcelona, Barcelona, del 13 al 17 de septiembre de 2007.

GILMORE, Mikal. George R.R. Martin: The Complete Rolling Stone Interview. *Rolling Stone*, 13 de junio de 2014. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/tv/tv-news/george-r-r-martin-the-complete-rolling-stone-interview-52421/>. Acesso em: 20 maio 2019.

GROTTA, Daniel. *J. R. R. Tolkien: El arquitecto de la Tierra Media*. Barcelona: Andrés Bello, 2002. 318p.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE - IPCC. Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático. *Informe de síntesis: Cambio climático 2007*. Contribución de los Grupos de trabajo I, II y III al Cuarto Informe de evaluación. Ginebra: IPCC, 2007. 104p.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE - IPCC. Grupo Intergubernamental de Expertos sobre el Cambio Climático. *Informe de síntesis: Cambio climático 2014*. Contribución de los Grupos de trabajo I, II y III al Quinto Informe de evaluación. Ginebra: IPCC, 2014. 157p.

GÜEMES SUÁREZ, Luis Felipe. *Narrativa fantástica: caracterización de género y aportación propedéutica*. Tesis Doctoral-Universidad de Alicante, Alicante, 2016. 624p.

HERAS HERNÁNDEZ, Francisco. La negación del cambio climático en España: percepciones sociales y nuevos tratamientos mediáticos. In: FERNÁNDEZ REYES, Rogelio (dir.); MANCINAS-CHÁVEZ, Rosalba (coord.). *Medios de comunicación y cambio climático*. Sevilla: Fénix editora, 2013. p 155-170.

IRWIN, William; JOBABY, Henry. *Juego de Tronos y la Filosofía*. Barcelona: Roca editorial de libros, 2018. 320p.

MARTIN, George R. R.; GARCÍA, Elio; ANTONSSON, Linda. *El mundo de Hielo y Fuego*. Barcelona: Ediciones Gigamesh, 2015.

MARTIN, George. *Canción de hielo y fuego; Juego de Tronos*. 2. ed. Barcelona: Gigamesh, 2006.

MARTIN, George. *Canción de hielo y fuego; Choque de reyes*. 3. ed. Barcelona: Gigamesh, 2011.

MARTIN, George. *Canción de hielo y fuego; Tormenta de espadas*. 2. ed. Barcelona: Gigamesh, 2011.

MARTIN, George. *Canción de hielo y fuego; Festín de cuervos*. 2. ed. Barcelona: Gigamesh, 2011.

MARTIN, George. *Canción de hielo y fuego; Una danza con dragones*. Barcelona: Gigamesh, 2012.

MARTIN, George. The Princess and The Queen, or, The Blacks and The Greens. In: MARTIN, George; DOZOIS, G. (eds). *Dangerous Women*. New York, EEUU: Tor Books, 2013. 784 p.

MARTIN, George. *The Wit & Wisdom of Tyrion Lannister* New York, EEUU: Harpercollins Pub, 2013. 160p. [*El ingenio y la sabiduría de Tyrion Lannister*].

MARTÍNEZ AHRENS, Jan. Trump retira a EE UU del Acuerdo de París contra el cambio climático. *El País*, EEUU, 2 de junio de 2017. Disponible em:

https://elpais.com/internacional/2017/06/01/estados_unidos/1496342881_527287.html. Acesso em: 20 maio 2019.

MIRANDA, Isabel. La reacción en cadena que cambiará la vida en la tierra. *ABC*, 20 de agosto de 2018. Disponible em: https://www.abc.es/sociedad/abci-reaccion-cadena-cambiara-vida-tierra-201808191952_noticia.html. Acesso em: 20 maio 2019.

SWITEK, Niko. *Politik in Fernsehserien: Analysen und Fallstudien zu House of Cards, Borgen & Co*. Bielefeld, Germany: Transcript Verlag, 2018. 399p.

ORGANIZACIÓN Internacional para Migraciones (OIM). Nota para las Deliberaciones: La Migración y el Medio Ambiente”. Nonagésima Cuarta Reunión del Consejo. MC/INF/288, 2007.

ORGANIZACIÓN Internacional para Migraciones (OIM). *Migración y cambio climático*. Ginebra, Suiza: OIM publicaciones, 2008. 60p.

PLANELLES, Manuel. La Cumbre de París cierra un acuerdo histórico contra el cambio climático. *El País*, 22 de junio de 2016. Disponible em: https://elpais.com/internacional/2015/12/12/actualidad/1449910910_209267.html. Acesso em: 20 maio 2019.

RAJAMANI, Lavany; BRUNNEE, Jutta; BODANSKY, Daniel. *International Climate Change Law*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2017, 416p.

SALINAS ALCEGA, Sergio. El Acuerdo de París de diciembre de 2015: la sustitución del multilateralismo por la multipolaridad en la cooperación climática internacional. *Revista Española de Derecho Internacional*, sección estudios, vol. 70/1, 2018, p. 53-76.

SÁNCHEZ, Ginés. De ladrones y Policías. *La Verdad*, 3 de febrero de 2017, p. 24.

SHUSTER, David. Talk to Al Jazeera: George R. R. Martin talks to David Shuster. *Al Jazeera America*, 13 de noviembre de 2014. Disponible em: <http://america.aljazeera.com/watch/shows/talk-to-al-jazeera/articles/2014/11/13/george-rr-martintalkstodavidshuster.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

SORIANO, César. Politics creates a disturbance in the Force. *USA Today*, 17 de mayo de 2005.

SORO MATEO, Blanca. Construyendo el principio de precaución. *Revista Aragonesa de Administración Pública*, n. 49-50, p. 87-151, 2017.

STERN, N. Nicholas. *Informe Stern: la economía del cambio climático*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 698p.

TOLKIEN, J. R. R. *El Señor de los Anillos*. Barcelona: Minotauro, 1978. [*The Lord of the Rings*. Reino Unido: Allen & Unwin, 1954].

ULLRICH, J. K. Climate Fiction: Can Books Save the Planet? *The Atlantic*, 14 de agosto de 2015. Disponible em: <https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/08/climate-fiction-margaret-atwood-literature/400112/>. Acesso em: 20 maio 2019.

WHITE, Michael. *Tolkien*. Barcelona: Península, 2002, 286p.

Idioma original: Espanhol

Recebido: 16/06/18

Aceito: 17/01/19

TITLE: *A song of ice and fire*: analysis of a weather dystopia based on environmental law

ABSTRACT: George Martin's novel series *A Song of Ice and Fire* uses fantastic literature elements to cover references to objective reality. To do so, it links the fictitious component, represented by *The Others*, to real elements outside the text, such as climate change. Based on this presumption, it is possible to see, in its pages, an allegory of the consequences of global warming. To prove that, this paper develops three axes, in which certain similarities are studied: the existence of a common threat, the narrative context of the novels, as well as the roles played by some of the characters.

KEYWORDS: Climate change; metaphor; global warming; *Game of Thrones*.